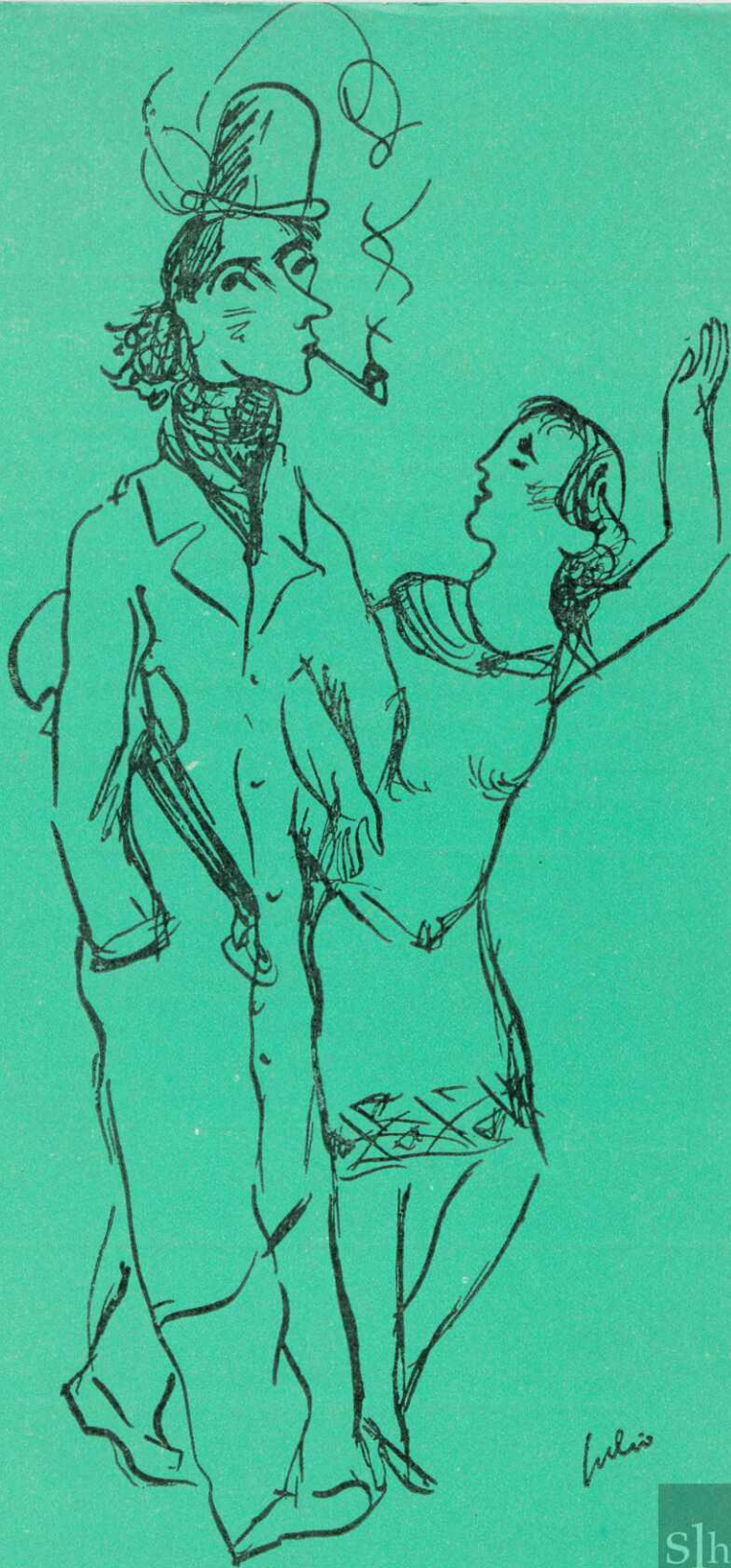


# VERICE



COIMBRA

JAN. / FEV.

1980

N.º 428-429

PREÇO 60\$00

*Julius*

Shi

# V É R T I C E

DIRECTOR: JOAQUIM NAMORADO

XL

VOLUME

C O I M B R A — 1 9 8 0

Shi

*Referir-me-ei apenas aos Cadernos de Juventude e a Síntese, pois fui absolutamente alheio ao lançamento de Altitude e à página da Gazeta de Coimbra, embora por motivos completamente diferentes. No entanto dei uma pequena ajuda a Victor Veres na criação da página literária de um jornal da Figueira, aliás de curta duração, que merece ser também recordada, porque teve algum interesse.*

Quanto aos Cadernos, não tomei neles parte activa, como decerto te lembrarás. Mas será bom não esquecer — e eu não esqueço — que elas nasceram das reuniões culturais (que tantos engulhos deram à polícia política!) que semanalmente se faziam em casa do João José Cochofel.

Se bem te recordas, nesses encontros ouvia-se música (o João trazia ao nosso conhecimento obras musicais que eram ainda então consideradas insólitas), discutiam-se alguns livros recentemente aparecidos e chegava-se até a leitura de uma ou outra composição literária de alguns dos presentes. Enfim, o Cochofel criara uma espécie de «salão» do século XIX, renovado nas ideias e nos propósitos!

Reconheço hoje que essas reuniões eram bastante menos «inocentes» do que a sua actividade «primária» podia fazer crer (sobre este ponto a polícia política teria talvez razão, se alguma vez pudesse tê-la). Pela minha parte, pelo menos, posso dizer que tive nelas oportunidade de encontrar respostas para muitas das minhas interrogações de ordem filosófica, política e literária. Situava-me no grupo dos menos desenvolvidos do ponto de vista intelectual, e por isso absorvia sofregamente tudo quanto os mais velhos ou intelectualmente mais avançados debitavam e me parecia correcto. Posso até dizer que essas reuniões criaram em mim tal entusiasmo pelos problemas da Filosofia, de Sociologia e da Literatura, que passei a deixar arrefecer um pouco a paixão pela Matemática que me abrasava ao entrar na Faculdade. E não estou nada arrependido de me ter deixado empolgar pela construção de um mundo novo, projecto em que quase sem excepção desaguavam as reflexões de quantos, no grupo, tinham voz activa.

Ora se, sumariamente, quisesse definir o Neo-Realismo (tal como eu o compreendi, bem entendido) talvez pudesse dizer sem errar muito que foi um movimento irresistível que se concretizou na expressão de um esforço intelectual conjunto para se começar a construir um mundo completamente diferente do mundo burguês em que estávamos entaipados.

E por mim falo. Estudava então música (piano e harmonia) pelos modelos clássicos do Conservatório de Lisboa. Mas as reuniões da Rua João Jacinto cedo me fizeram ver que tal música já pouco interessava (o que, de facto, até era demasiado radical...), e que devia procurar outras formas mais significativas da expressão musical. Daí o ter-se perdido um pianista medíocre (que inevitavelmente viria a ser), mas, em contrapartida, ter sido transmitido a um jovem de dezanove ou vinte anos, que eu então era, um profundíssimo interesse pela música do Povo, de que recolhi, no distrito de Coimbra, algumas largas dezenas de peças, hoje perdidas em montanhas de papelada que ciosamente guardo, sempre à espreita de uma aberta para as pôr em ordem...

O nosso «Neo-realismo» apontava para uma sociedade diferente, em que se entulhassem os abismos que separam estupidamente os homens, ou seja (e podíamos dizê-lo então, sem o risco de adiantar um lugar comum), para uma sociedade «mais fraterna e mais justa» (já reparaste como o uso das palavras por quem as não sente é desgastante? Já notaste como esta expressão está hoje

quase vazia de sentido? Pois em 1937 — não é assim? — ela teria para nós um profundo e correcto significado).

Daí o ter cada um empreendido a sua marcha pessoal para se alcançar em comum a transformação da sociedade em que vivíamos e, de certo modo, nos asfixiava. Os poetas escreveriam versos, os romancistas redigiriam romances, os filósofos alinhariam as suas razões (e estou a lembrar-me da precocidade do nosso querido e malogrado Egídio!), etc. E para quem, como eu, não estivesse em circunstância de fazer qualquer dessas coisas, havia tarefas de «prospecção externa» (digamos assim) que podiam interessar; daí, por exemplo, o meu frustrar (e frustrar por me faltar a preparação conveniente) inquérito etnológico às populações da Serra da Lousã, realizado em 1938, e de que há dias encontrei, na tal babilónia de papeis a que já me referi, algumas páginas de considerações gerais, redigidas num estilo entre lírico e trágico em que, se me não engano, existe um escondido propósito de imitar as páginas das Memórias de Raul Brandão... Terão unicamente o mérito da escolha do modelo.

Só com o intuito de completar essa obra de «transformação» é que os Cadernos da Juventude foram pensados, escritos e... apreendidos! Lembro-me bem que a sua composição foi discutida em várias reuniões consecutivas, e também me lembro do entusiasmo que todos púnhamos na realização de uma iniciativa editorial que iria (todos o esperávamos!) ter profundas repercussões.

Refere António Pedro Pita, e correctamente, que os Cadernos acabaram num grande auto-de-fé, por ordem do Governo Civil de Coimbra. Mas a experiência não foi inútil, é necessário acrescentá-lo: daí por diante, o grupo Neo-realista de Coimbra saberia dizer através de circunlóquios o que não lhe era permitido que dissesse abertamente, inventaria nomes simbólicos para citar personagens «malditos» e recorreria a pseudónimos quando o seu próprio nome não dava garantia de «boas intenções» aos censores e aos leitores de certa espécie... Falo de novo por mim. Quando colaborei activamente em Vértice cheguei a usar uns oito ou dez pseudónimos diferentes; mas essa história ficará para ser contada noutra ocasião. Por agora importa apenas adiantar que, quem ler esses escritos, deve ter presente estas circunstâncias em que foram redigidos; a linguagem sibilina e quase criptográfica usada talvez até venha a dar um dia, e com justificação, para um estudo linguístico, que eu intitularia: «A linguagem revolucionária e a repressão».

Mas que aquela lição foi bem aprendida, não restam dúvidas: em Coimbra nenhum outro jornal do grupo veio a ser apreendido e queimado — embora todos fossem severamente e, por vezes, até selvaticamente censurados!

Quanto à Síntese, podemos dizer que ela foi criada em moldes completamente diferentes. Ramiro da Fonseca não era um Neo-realista. Criou a revista e recorreu aos colaboradores de que podia dispor, o que equivale a dizer que teria inevitavelmente de recorrer a nós. Entre vários méritos, teve Ramiro o de compreender que era necessário aproveitar homens de uma geração mais avançada que tinham algumas coisas importantes para nos dizer; é essa a origem da colaboração solicitada a Abel Salazar, experiência que Sol Nascente já fizera e Vértice iria a repetir depois com esse e outros grandes homens do pensamento português contemporâneo.

Mas Ramiro da Fonseca deu a Síntese um certo tom de profissionalismo. A parte económica da revista estava a cargo de quem conhecia as manhas da